

“Como leais soldados”: algumas reflexões sobre a primeira batalha dos Guararapes^{1*}

Bruno Romero Ferreira Miranda

Doutor em História pela Universidade de Leiden, Países Baixos. Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Sócio efetivo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP).

RESUMO

Conhecida como uma das batalhas que selaram o curso do domínio da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais no Brasil, a primeira batalha dos Guararapes foi objeto de estudo de vários historiadores. Alguns procuraram entender como um exército reputado como um dos mais modernos do período sucumbiu diante de um grupo inferior em número e treinamento militar. A escolha do terreno e o uso de um tipo de guerra não convencional aparecem como os pilares da explicação do ocorrido. Todavia, a análise de certos documentos neerlandeses permite a ampliação do debate em torno da derrocada nos Guararapes. O objetivo deste artigo é fazer algumas reflexões em torno da questão disciplinar da tropa da Companhia e tratar de eventos anteriores e posteriores à primeira batalha que permitem repensar o confronto e, sobretudo, seu desfecho.

PALAVRAS-CHAVE: Companhia das Índias Ocidentais; Batalha dos Guararapes; insubordinação

ABSTRACT

Known as one of the battles that set the course of the Dutch West India Company's domain in Brazil, the first battle of Guararapes was subject of study for many historians. Some of them tried to understand how an army that was reputed as one of the most modern of the period has succumbed to an inferior group in size and training. The choice of the battlefield and the use of a not conventional type of war by its enemies seems to be the main line of interpretation for the events. However, the analysis of certain Dutch documents allow us to broaden the debate on the Guararapes' defeat. The objective of this article is to do some thinking around the military discipline issue on the Company's army and to discuss some events occurred before and after the battle, which allow us to rethink the struggle and, mainly, its outcome.

KEYWORDS: Dutch West India Company; Battle of Guararapes; insubordination

INTRODUÇÃO

A expressiva derrota do exército da Companhia das Índias Ocidentais para uma tropa numericamente inferior nos montes Guararapes, em abril de 1648, influenciou decisivamente na saída definitiva do Brasil dos neerlandeses. Mesmo levando em consideração as grandes dificuldades enfrentadas pelos rebeldes desde o início de sua insurreição para expulsar definitivamente os invasores, o duro golpe empreendido por suas forças ante um exército re-

* Artigo recebido em 26 de março de 2014 e aprovado para publicação em 30 de abril de 2014.



putado como um dos mais poderosos do período é usualmente explicado pela utilização de um tipo de guerra não convencional e pela escolha de um terreno vantajoso.² Essa explicação pautada na destreza da milícia da terra e no tipo diferenciado de guerra praticado por ela seria feita até mesmo por gente da Companhia em cartas e relatórios que explicam os desastrosos acontecimentos em Guararapes, que ocorreriam novamente, e com ainda mais vigor, em 1649.³

O objetivo deste artigo é tratar de eventos anteriores e posteriores à primeira batalha que permitem repensar o confronto e, sobretudo, seu desfecho. A justificativa para abordar um assunto tão discutido pela historiografia e em algumas fontes coevas se dá pela percepção de que a derrota da Companhia em Guararapes também parece estar conectada a fatores externos pouco explorados ou sequer mencionados no conjunto de interpretações e narrativas sobre a batalha. No entanto, a análise por esse prisma não exclui os elementos usualmente elencados para explicar o sucedido, a exemplo da estratégia errada dos comandantes da Companhia, da inexperiência na Guerra Brásilica, das tropas de reforço enviadas pela Companhia em 1647 e prontamente lançadas ao campo de batalha em 1648 e da capacidade e qualidade dos comandantes e tropas locais.⁴

A PRIMEIRA BATALHA DOS MONTES GUARARAPES: ASPECTOS GERAIS

A primeira batalha nos montes Guararapes foi resultado de uma tentativa do comando das tropas da Companhia das Índias Ocidentais de romper o forte cerco imposto pelos inimigos luso-brasileiros. Desde meados de 1645, data de início da rebelião contra o domínio da Companhia, o exército local controlava majoritariamente o território antes sob jurisdição dos neerlandeses.

Após as vitórias das tropas luso-brasileiras em Santo Antônio (Tabocas), no engenho de Turlon (Casa Forte) e as rendições das fortificações da Companhia em Porto Calvo, em São Francisco (Penedo) e no Pontal de Nazaré (Cabo de Santo Agostinho), os neerlandeses ficaram reclusos à

praça do Recife. Mais ao norte, as tropas da Companhia foram evacuadas para fortificações em Itamaracá (forte *Orange*), Paraíba (forte Cabedelo) e Rio Grande (forte *Ceulen*, ou Reis Magos).

Seria apenas no segundo semestre de 1646, graças ao reforço em tropas enviado pela República das Províncias Unidas, que os neerlandeses puderam respirar e partir para algumas ações ofensivas. Contudo, as tentativas do Coronel Sigismund von Schkoppe, experiente militar na guerra local, e de outros comandantes a serviço da Companhia mostraram-se infrutíferas. O cerco ao Recife e às demais praças do norte foi mantido. A maior chance de romper o forte sítio terrestre imposto pelos locais deu-se com o envio, em 1647, da frota comandada pelo Almirante Witte Corneliszoon de With. A armada aportou no Recife em março de 1648. Apenas com tal reforço em homens pôde o comando da Companhia no Brasil preparar uma nova ofensiva terrestre.

Após debate entre autoridades civis e militares a respeito de qual seria o próximo passo da Companhia no enfrentamento dos locais, venceu a opção menos encorajada pelos comandantes militares: tentar forçar as tropas inimigas a entrar em confronto campal com as forças da Companhia. Era a busca por uma batalha decisiva, cujo resultado poderia mudar o rumo da situação da Companhia na região.⁵

No dia 18 de abril, Von Schkoppe, à frente de 4.500 homens, seguiu para o sul do Recife, área da Muribeca. Ele esperava bloquear o caminho terrestre para o Cabo de Santo Agostinho, onde estava localizado o porto. Retirar o acesso ao porto que servia às tropas inimigas era essencial para quebrar a linha de suprimento do novo Arraial do Bom Jesus. Era do Arraial que partiam as tropas que fustigavam as cercanias do Recife. Se fosse concretizado o objetivo de Von Schkoppe, as tropas inimigas certamente iriam tentar romper o bloqueio e dar a oportunidade de uma batalha campal.⁶

O primeiro encontro da tropa de Von Schkoppe com os luso-brasileiros ocorreu numa área chamada Barreta, um pouco adiante de Afogados. Após desbaratar a tropa opositora nesta localidade, os homens

da Companhia pernoitaram na chamada Leiteria, uma área de pasto para gado no litoral. A parada, necessária para a espera da retaguarda, foi suficiente para a chegada de reforços luso-brasileiros, que no dia 19 de abril atraíram os contingentes da Companhia para a série de outeiros que ficavam no meio do caminho entre o Recife e a Muri-beca. Lá, cerca de 2.200 homens das tropas locais se digladiaram com a tropa da Companhia em um terreno favorável ao contingente de menor número. O desenrolar e o desfecho da luta são bem conhecidos. Não cabe, nesta ocasião, fazer uma descrição pormenorizada dos fatos.⁷

Todavia, a análise dos relatórios de comandantes da Companhia da Índias (Von Schkoppe e Cornelis van den Brande), do diário do Almirante De With, das atas do Alto e Secreto Conselho do Brasil e de outras listagens da Companhia referentes àquele episódio servem para contar uma história usualmente negligenciada pela historiografia, sobretudo a brasileira. Essa história mostra como a indisciplina das tropas neerlandesas foi fator importante na derrota da Companhia em Guararapes.⁸

Antes de continuar a tratar do episódio de 1648, é conveniente ver qual era a situação da Companhia após o início da rebelião dos moradores, em meados de 1645. Perceber qual era o clima da tropa na área de jurisdição da Companhia será essencial para entender, em parte, a derrota de 1648.

O CERCO AO RECIFE E A INDISCIPLINA DAS TROPAS

Iniciado o cerco em 1645, as tropas da Companhia sofreram substancialmente com problemas logísticos que ocasionaram diversas deserções e motins de soldados. Tais reações, infrações graves no mundo militar, ocorreram no Brasil com mais frequência justamente nos períodos em que os homens estavam sob maior pressão militar, cercados em suas próprias fortificações e extremamente dependentes das remessas de víveres da Europa.⁹

A primeira e mais frequente dessas duas infrações capitais a figurar nos relatos e documentos governamentais foi a deserção.

Embora a deserção tenha sido um sério problema para a administração da Companhia no Brasil, é difícil quantificar as fugas ao longo dos anos de ocupação. Isso se deve aos relatos fragmentados e pouco concretos em relação aos números. Uma exceção certamente é o depoimento de um dos oficiais da guarnição do forte vendido aos rebeldes no Cabo de Santo Agostinho em agosto de 1645, o capitão proveniente da cidade de Amsterdã Nicolaes Clasen.¹⁰ Em depoimento de novembro daquele ano, Clasen afirmou que havia oito companhias de ex-militares da Companhia das Índias Ocidentais a serviço do inimigo. Eram quase 260 homens atuando em Pernambuco, Goiana e Paraíba. Gente em sua maioria trãnsfuga do Cabo e também de outras guarnições.¹¹ Esse era um número elevado, pois a guarnição total da Companhia no Brasil, entre os meses de setembro de 1645 e janeiro de 1646, era de pouco mais de 2.000 homens.¹² A quantidade de desertores continuou a aumentar nesse período. Parte da companhia de Clasen – cerca de 60 homens – retornou para o Recife quando havia sido designada para montar uma emboscada contra seus ex-companheiros na área do forte das Salinas, nos arredores do Recife e de Antônio Vaz. Esses homens beneficiaram-se de uma anistia emitida pelo Alto Governo em fins de agosto de 1645. O indulto levava em consideração que esses militares serviram aos portugueses por temor de serem assassinados após a rendição do Cabo e por conta da pressão feita pelo comandante da fortificação – Diederick van Hoogstraten – para que eles se entregassem sem resistência.¹³

Afora os coagidos a mudar de lado no Cabo de Santo Agostinho, entre agosto de 1645 e fins de 1646, muitos militares da Companhia abandonaram ou tentaram deixar seus postos para engrossar as fileiras do inimigo ou receber livre passagem para voltar para casa. Os bem-sucedidos saíam em grupos de tamanho diverso, enquanto que os capturados eram usualmente punidos com a morte. As fugas ocorriam nas guarnições do Recife, de Antônio Vaz e em outras localidades cercadas pelas tropas rebeldes.¹⁴ A queixa desses militares era proveniente da “diminuição da ração de pão”, escreveu o

anônimo autor do diário de Arnhem de 1647, redução esta verificada em outros relatos coevos como o do soldado Peter Hansen, a serviço da Companhia no forte *Frederick Hendrick*.¹⁵ Para o diretor da capitania da Paraíba, Paulus de Linge, o esgotamento dos víveres tinha levado muitos franceses e valões da companhia do Capitão Claude Prevo a desertar.¹⁶ Ao sul de Pernambuco, os fortes da Companhia em Porto Calvo e no São Francisco capitularam em parte por causa da falta de comida em seus armazéns e por conta das pressões feitas pelas tropas, inflamadas pela obtenção de notícias a respeito da derrota das forças da Companhia em combates contra os rebeldes e da queda do forte no Cabo. Com gente a ponto de se amotinar, os comandantes preferiram entrar em acordo com os sitiadores.¹⁷

Os rebeldes, por sua vez, ao saber das péssimas condições de existência nas guarnições, atiçavam ainda mais os ânimos dos militares enviando-lhes cartas que os instavam a desertar. Escritas em neerlandês e em francês por desertores da Companhia e por vezes assinadas pelos líderes da rebelião, as missivas eram deixadas nas vizinhanças das fortificações. Elas continham promessas de bom quartel, passagem livre para a Europa, pagamento de todos os vencimentos atrasados e a possibilidade de servir aos portugueses. De acordo com uma das cartas encontradas e entregues ao Governo, escrita por Diederick van Hoogstraten, o mencionado ex-comandante do Cabo, e assinada por André Vidal de Negreiros, datada de março de 1646, a oferta era válida até mesmo para os homens que fugiram com Nicolaes Clasen.¹⁸ Prática semelhante seria utilizada em 1647 e entre os meses de dezembro de 1653 e janeiro de 1654, quando as tropas da Companhia continuavam cercadas no Recife e Antônio Vaz.¹⁹

Apesar da dificuldade em precisar o impacto da deserção em números, a gravidade da situação pode ser percebida através das medidas emergenciais tomadas pelo Governo. Pouco tempo depois da entrega do Cabo, da rendição dos fortes em Porto Calvo e São Francisco, bem como as derrotas em Tabocas e no engenho de Tournalon, decidiu-se cunhar uma grande soma em moedas “para

contentar os militares, como os outros”. O dinheiro seria destinado ao pagamento da ajuda de custo semanal da tropa e para a compra de alimentos aos comerciantes.²⁰ Também foi aumentada a ração de pão dos soldados em detrimento da distribuída aos civis.²¹ Esperava-se diminuir o descontentamento da tropa que não estava apenas fugindo pacificamente, mas planejando sabotar peças de artilharia, proferindo ameaças ao Governo ou se amotinando.

Em outubro de 1645, no forte *Prins Willem*, em Afogados, alguns dos homens foram presos por pretender “envenenar os gêneros, encravar as peças do forte [...] e tocar fogo nos quartéis”. A insatisfação na guarnição não parece ter sido reduzida, pois outro soldado foi detido em abril de 1646 sob a denúncia de atear fogo na casa de pólvora do forte e fugir.²² É incerto se as acusações eram verídicas ou apenas boataria, pois não foram registradas nas atas do Governo. Todavia, um mês depois vários soldados foram presos por suspeita de querer fazer um motim no forte *Ernestus* por causa da ração. Não foi coincidência que a ameaça de revolta tenha ocorrido em um mês no qual a ração sofreu reduções.²³ Ainda em maio de 1646, para alimentar os rumores de descontentamento geral da tropa que circulava no Recife e em Antônio Vaz durante o cerco, uma carta “cheia de palavras sediciosas tendentes a provocar motim” foi deixada defronte à casa de um padre. De maneira a aumentar ainda mais a tensão entre o Governo e os militares, os soldados passaram a “chorar” para receber seu dinheiro.²⁴ Alguns deles estavam começando a ser insolentes a ponto de o Governo ter decidido transmitir ordens aos oficiais para mantê-los nos fortes. Era uma medida para evitar que eles fossem ao Recife reclamar diretamente contra o Governo e para se prevenir um “desastre”.²⁵ A pressão dos soldados parece ter surtido algum efeito, ainda que a melhoria na ração só tenha ocorrido em fins de junho. Foram compradas 1.200 libras de carne fresca para a tropa.²⁶

Em Itamaracá, a situação não era das melhores. Militares “mal satisfeitos com a ração” amotinaram-se. Uma missiva do Diretor Balthasar Dortmondts para o Governo

datada de 23 de junho de 1646 informou que dois condestáveis e dois artilheiros planejavam indicar aos portugueses qual era o lado mais fraco do forte *Orange* e preparar as peças de artilharia de modo que elas não pudessem causar danos aos inimigos. Dois deles foram presos e enforcados, enquanto que os outros conseguiram escapar. Um alferes e outros soldados também foram detidos, acusados de tentar fugir. Os soldados foram liberados por se entender que apenas cumpriam ordens do oficial, de nome Wouter Falloo. De acordo com as investigações feitas e reportadas ao tribunal militar que julgou o delito, o Alferes Falloo e um sargento de Gdańsk, Paulus Vonck, tentavam evadir-se do forte à noite. No dia 23 de junho, os dois foram condenados pelo Conselho de Guerra Superior a ser arcabuzados, mas dois dias depois, por interferência de civis e de oficiais, Falloo foi perdoado. Vonck não teve a mesma sorte.²⁷ Os motivos do motim e deserção não foram citados na carta de Dortmund ou nas atas do governo, mas, no mesmo dia da execução do sargento, o governo decidiu enviar víveres para a guarnição do forte.²⁸

Atormentado mais uma vez pelos pedidos de dinheiro feitos por militares, o governo fez uma nova cunhagem de moeda em agosto de 1646.²⁹ É verdade que as “atitudes ameaçadoras” da tropa já haviam levado a Companhia a contrair empréstimos para contentá-la antes mesmo do início da rebelião, em meados de fevereiro de 1645.³⁰

Mesmo com a chegada dos mencionados reforços nos anos de 1646 e 1648, as condições de existência na conquista não foram muito alteradas.³¹ Pelo contrário, a ida de grandes contingentes agravou ainda mais os problemas logísticos enfrentados pela Companhia, há muito incapaz de alimentar com satisfação seus homens. O Governo iria enfrentar novos distúrbios com a gente enviada para resgatá-los e aliviá-los do cerco imposto pelos rebeldes. Os integrantes da frota comandada pelo Almirante Witte Corneliszoon de With, que chegaram ao Brasil em 1648, não precisaram de muito tempo para entrar em confronto com o Governo. Segundo o próprio almirante, além de muitos dos homens terem chega-

do ao Brasil em um estado “miserável” devido à viagem prolongada, eles foram providos com alimentos em “péssimo” estado de conservação e acomodados em alojamentos “fétidos e apertados”.³² Para piorar, informados antes da partida de que iriam receber pelo recrutamento dois meses de soldo adiantado no embarque para o Brasil, souberam que o dinheiro seria enviado pela Companhia para o local.³³ Chegando na colônia, receberam como resposta dos membros do Alto Governo que eles não sabiam nada a respeito do assunto e que deveriam aguardar com paciência.³⁴ Os ânimos ficaram ainda mais exaltados quando o Governo decidiu pagar um mês de soldo aos oficiais. Tal atitude deixou a soldadesca indignada. Na noite anterior à batalha dos Guararapes muitos falavam em coro que somente os oficiais deviam lutar, já que eles receberam dinheiro. Sem o pagamento, eles não queriam combater. A batalha estava perdida antes mesmo de começar.³⁵

Segundo os relatos de dois oficiais presentes na refrega, o Tenente-General Sigismund von Schkoppe e o Coronel Cornelis van den Brande, deserção e baixo moral influenciaram decididamente no desempenho dos soldados. Obviamente, pesaram na derrota a inexperiência de parte da tropa da Companhia, recém-chegada, a má alimentação recebida, a irregularidade do terreno e a lentidão das tropas, que viajavam com provisões para oito dias, sem falar na disposição dos rebeldes no campo de batalha, suas táticas de ataque mais condizentes com o terreno e seu moral.

Em um dos momentos mais confusos da luta, quando a vanguarda e o corpo de batalha da tropa da Companhia foram desbaratados e rechaçados pelas tropas lusobrasileiras após um encarniçado combate corpo a corpo, muitos soldados da Companhia fugiram. Outro indício do péssimo moral da tropa fica evidente durante a preparação de um contra-ataque da retaguarda comandada por Van den Brande e pelo Coronel Guillaume de Hauthain, que chegou à frente de batalha quando a confusão já estava instalada entre os homens. Antes de avançar, Van den Brande disse ter ido de regimento em regimento tomando de todos

os soldados um novo juramento de fidelidade. Van den Brande pedia que os homens agissem como “leais soldados” e honrassem seu voto de fidelidade à Companhia. Mas essa investida não foi levada adiante por ordens de Von Schkoppe, que, ferido, repassou o controle da operação para Van den Brande e o deixou encarregado de segurar a posição da tropa no campo de batalha até o cair da noite, quando então ele deveria retornar à Leiteria, ponto de reunião do Exército na praia. A decisão de retirada feita por Von Schkoppe teve esteio na acentuada baixa de sua força, que, segundo ele, sofreu uma redução de 1.500 homens, algo confirmado em grande parte pelo relato de Van den Brande. A deserção teve um grande papel nessa diminuição, se observadas as pesadas baixas do Exército, contabilizadas em 501 mortos e 556 feridos.³⁶

Outro episódio reacenderia a insegurança do Governo em relação a suas próprias tropas. Na noite do dia 21 de abril, aproveitando-se da concentração das hostes inimigas em Guararapes, foi enviado um efetivo de cerca de 240 homens – sob o comando do Capitão Hans Vogel – para tentar dominar Olinda e um reduto na sua parte baixa.³⁷ Mas ao perceber a aproximação de uma pequena força oponente de aproximadamente 50 homens, os soldados da Companhia – em lugar de esperá-los e resistir, haja vista “a notável vantagem” – fugiram do forte deixando os oficiais e alguns outros militares para trás.³⁸ Essa gente chegou em desordem no Recife, onde adentraram bradando pelo pagamento e asseguraram continuar sem trabalhar até receber o dinheiro prometido.³⁹ Temendo um motim generalizado,

o governo hesitou tomar satisfações e não puniu os soldados. Por perceber que havia uma “insatisfação geral” e um comportamento “amotinador” entre a tropa, os conselheiros acabaram decidindo pagar um mês de salário em dinheiro para a milícia “velha” e para a vinda com a frota de socorro, ainda que isso tenha levado ao esvaziamento do caixa da Companhia.⁴⁰

Esse foi o melancólico desfecho – para a Companhia – da primeira batalha dos Guararapes. A análise de um conjunto documental mais amplo sobre o episódio, contemplando sobremaneira as informações referentes aos momentos precedentes e posteriores à contenda, permitiu trazer mais subsídios para a compreensão dos acontecimentos de abril de 1648. Tal exercício, embasado em fontes neerlandesas parcialmente exploradas pelos historiadores brasileiros, não diminui o feito das tropas luso-brasileiras que, aliás, também padeciam de problemas logísticos contornados apenas com grandes dificuldades pelos comandantes.⁴¹ Além disso, as informações coletadas ajudam a entender – além dos aspectos táticos usualmente enfatizados pela historiografia – como uma tropa superior em número, treinamento e armamento sucumbiu ante oponentes, em sua maioria, sem treinamento formal e em número reduzido. Para concluir, é possível afirmar também que o destino do Brasil sob ocupação da Companhia pode até ter sido selado com as fragorosas e decisivas batalhas em Guararapes, mas, observando a condição disciplinar da tropa da Companhia, pode-se dizer, no mínimo, que a situação dos neerlandeses no Brasil parecia já ter saído do controle muito antes dos confrontos em Guararapes.

¹ O presente artigo é baseado no capítulo 6 de minha tese de doutorado: MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. *Gente de guerra: Origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)*. Leiden: Tese de doutorado da Universidade de Leiden, 2011.

² MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada. Guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, pp. 331-332; MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guararapes: uma visita às origens da Pátria*. Recife: Editora Massangana, 2002, pp. 35-37; NASCIMENTO, Rômulo Luiz Xavier. A toque de caixas. In: *Revista de História*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, n. 70, 2001, pp. 18-19; NASCIMENTO, Rômulo Luiz Xavier. Ribanceira abaixo. In: *Revista de História*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, n. 31, 2008, pp. 16-18; SOUZA JÚNIOR, Antônio. *Do Recôncavo aos Guararapes ou História Resumida das Guerras Holandesas ao Norte do Brasil*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998, pp. 111-142.

³ MELLO, Evaldo Cabral (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2010, pp. 458-460; SOUZA JÚNIOR, Op. Cit., pp. 120-121, 205-206.

⁴ Além das obras citadas nas notas anteriores, ver: BOXER, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. Tradução de Olivério M. de Oliveira Pinto. 2ª Edição, Recife: Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, 2004, pp. 273-278; MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Filipe Bandeira de Melo*. Tenente de Mestre de Campo General do Estado do Brasil. Recife: Universidade do Recife, 1954, pp. 25-37; VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002, pp. 236-243; WÄTJEN, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*. Um capítulo da história colonial do século XVII. Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti. 3ª Edição, Recife: Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, 2004, pp. 264-265. Para as narrativas coetâneas, ver: JESUS, Raphael de. *Catrioto Lusitano*. Parte I. Empresa, e restauração de Pernambuco; & das Capitânias Confinantes. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1679, pp. 490-515; SANTIAGO, Diogo Lopes. *História da Guerra de Pernambuco*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, 2004, pp. 479-521. A “guerra brasílica” constituía na acomodação da arte militar europeia às condições do Nordeste brasileiro e na assimilação de técnicas indígenas de combate. Tinha por características a ausência de confrontos decisivos – em batalhas campais e assédios a posições fortificadas –, a mobilidade/velocidade dos efetivos, os ataques-surpresa e o uso do terreno. Para uma discussão em torno da “guerra brasílica”, ver o capítulo 7 – Guerra de Flandres e guerra do Brasil – do livro de Evaldo Cabral de Mello, *Olinda Restaurada*.

⁵ MELLO, Evaldo Cabral (Org.). *Op. Cit.*, pp. 435-436; BOXER, Charles Ralph. *Op. Cit.*, p. 273.

⁶ MELLO, Evaldo Cabral (Org.). *Op. Cit.*, p. 435.

⁷ Para as informações mencionadas, consultar as obras dispostas nas notas 1, 2 e 3.

⁸ Apenas os trabalhos de F. A. Varnhagen e J. A. Gonsalves de Mello mencionam rapidamente a questão da indisciplina nos momentos que antecederam a refrega em Guararapes. MELLO, José Antônio Gonsalves de. *João Fernandes Vieira*, pp. 278, 280; VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Op. Cit.*, pp. 236, 242. Entre os trabalhos de historiadores estrangeiros que mencionaram, sem se aprofundar na questão, ver: BOXER, Charles Ralph. *Op. Cit.*, pp. 274, 277; Netscher, Pieter Marinus. *Les Hollandais au Brésil, Notice Historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVII^e siècle*. La Haye: Belinfante Frères, 1853, p. 158; WÄTJEN, Hermann. *Op. Cit.*, pp. 264-265.

⁹ MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. *Op. Cit.*, capítulo 6.

¹⁰ O episódio da entrega do forte do Pontal, situado ao Sul do Cabo de Santo Agostinho, é muito citado na historiografia e dispensa comentários. Para mais detalhes, ver: BOXER, Charles Ralph. *Op. Cit.*, pp. 231-232, 234, 238-239; WÄTJEN, Hermann. *Op. Cit.*, pp. 237-239.

¹¹ Nederlad, Nationaal Archief te Den Haag (NL-HaNA), Oude West Indische Compagnie (OWIC) 1.05.01.01, inv. nr. 61, doc. 64, 15-11-1645; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 61, doc. 69, 15-11-1645. Ver também: NIEUHOF, Joan. *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1981, pp. 263-264; MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, p. 151; Documento 5. Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês*. 2. A Administração da Conquista. Recife: MinC – Secretaria da Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985, pp. 259-260.

¹² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, Dagelijkse Notulen (DN) 18-09-1645.

¹³ Diário ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos designios dos portugueses do Brasil, descobertos em junho de 1645, e do mais que se passou até 28 de abril de 1647. Tradução de José Hygino Duarte Pereira. In: *Revista do Instituto Archeologico Historico e Geographico Pernambucano*. Recife: Typographia Universal, volume V, número 32, 1887, pp. 143, 148, 159-160; CALADO, Manuel. *O Valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*. Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1987, pp. 145-146; Documento 5. Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Op. Cit.*, pp. 256, 259-260; MELLO, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes – IPHAN/MEC, 1979, pp. 21-22, 29; NIEUHOF, Joan. *Op. Cit.*, pp. 258; VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Op. Cit.*, p. 227.

¹⁴ Diário ou breve discurso acerca da rebelião, pp. 147, 149, 185-186, 190-191, 196-198, 207, 209.

¹⁵ Diário ou breve discurso acerca da rebelião, pp. 185-186; HANSEN, Peter. Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup. In: IBOLD, Frank; JÄGER, Jens; KRAACK, Detlev. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995, pp. 76-77.

¹⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 24-06-1646.

¹⁷ Para mais informações ver as considerações dos oficiais para a capitulação do forte *Mauritius*, em São Francisco, em setembro de 1645, narradas por Matheus van den Broeck, oficial da WIC que foi feito prisioneiro no começo da rebelião dos moradores. Van den Broeck fala ainda da “indisposição” da tropa de Porto Calvo após receber informações sobre as derrotas da Companhia. Diário de Matheus van den Broeck. Tradução de José Hygino Duarte Pereira. In: *Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Tomo XL, 1877, pp. 36-40; A queda do *Mauritius* – “por falta de víveres e munições” – foi registrada no diário de Arnhem. Diário ou breve discurso acerca da rebelião, pp. 145-146.

¹⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 60, doc. 1, 1645; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 2, 12-03-1646; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 3, 14-04-1646; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 4, 15-04-1646; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 17, 13-03-1646.

¹⁹ Para o ano de 1647, ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 2, 13-01-1647; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 19, s/d (1647); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 20, s/d (1647). A missiva datada de janeiro foi escrita em neerlandês e assinada por João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros. A registrada como documento de número 19 foi elaborada em francês e assinada por Nicolas Croquet. Era destinada a um soldado de nome Pier de Maré. A carta de número 20 foi escrita em neerlandês e assinada por Jan Pauwl Barberin. Foi enviada para um soldado de nome Theunis Theunisz. Ambos militares estavam numa armada no Rio São Francisco. As

cartas escritas em 1653 e 1654 foram escritas em baixo-alemão e em francês e estavam assinadas pelo General de Campo Francisco Barreto de Menezes. Elas ofereciam a cada um dos soldados que quisesse desertar 150 florins, roupa e passagem livre. NL-HaNA_Hof van Holland, 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 29-12-1653, DN 16-01-1654, DN 23-01-1654.

²⁰ Diário ou breve discurso acerca da rebelião, p. 147; WÄTJEN, Hermann. *Op. Cit.*, pp. 336-337.

²¹ Documento 5. Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas. In: Mello, José Antônio Gonsalves de. *Op. Cit.*, p. 266.

²² Diário ou breve discurso acerca da rebelião, pp. 147-148, 186.

²³ *Ibidem*, pp. 190, 192.

²⁴ *Ibidem*, p. 193. A descoberta desta missiva, destinada a todos os oficiais de mar e terra, também foi referida na ata do Alto Governo do dia 28 de maio de 1646. É importante mencionar que esse não foi o único episódio referido no diário anônimo que coincidiu com discussões feitas pelo Alto Governo, o que demonstra a validade de muitas das informações postas no impresso de 1647. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 28-05-1648.

²⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 04-06-1646.

²⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 21-06-1646. Além de comida, os homens receberam na última semana de junho 17 *stuivers* em dinheiro ao invés dos 9 *stuivers* do início do mês. Mesmo com a melhora provisória, os homens continuaram a ter açúcar como parte da ração. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 08-06-1646.

²⁷ Diário ou breve discurso acerca da rebelião, pp. 197-198, 200; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 22-06-1646, DN 23-06-1646, DN 24-06-1646 e DN 25-06-1646. Na ata do dia 25 de junho, alegou-se que Falloo, “por sua juventude”, distorceu erroneamente uma ordem do Major Cornelis Baijart, parecendo também – segundo o governo – que não era sua intenção ir para o inimigo. Melhor conectado, ele apenas perdeu o posto de alferes. Já a apelação em favor do sargento de Gdańsk não surtiu efeito, pois para o governo o seu erro “não podia ser deixado sem punição”.

²⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 26-06-1646. No dia seguinte, foram enviados suprimentos para a Paraíba. Talvez as queixas sobre os desertores feitas pelo diretor Paulus de Linge também tenham pesado na decisão do governo. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 24-06-1646, DN 26-06-1646.

²⁹ WÄTJEN, Hermann. *Op. Cit.*, pp. 338-339.

³⁰ *Ibidem*, p. 336.

³¹ Para o número de gente enviada ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 62, 25-03-1647; HOBOKEN, W. J. van. Een troepen-transport naar Brazilië in 1647. In: *Tijdschrift voor Geschiedenis*. Groningen: LXII, 1949.

³² HOBOKEN, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*. Amsterdam: N.V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij, 1955, pp. 74-76; O Almirante De With, em uma de suas cartas a respeito das virtualhas distribuídas no Brasil, mencionou que o pão estava infestado de vermes, o bacalhau cheio de traças, a cevada invadida por besouros e a ervilha tão velha, mofada e dura quanto balas de mosquete. HOBOKEN, W. J. van. Een munterij in Verzuimd Brazilië. In: *De Nieuwe Stem. Maandblad voor Cultuur en Politiek*. Amsterdam/Antwerpen: Wereldbibliotheek, 9e. jrg., 1954, p. 383.

³³ NL-HaNA_SG 1.01.04, inv. nr. 5759, 07-10-1647.

³⁴ HOBOKEN, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, pp. 74-76.

³⁵ HOBOKEN, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, p. 77; BOXER, Charles Ralph. *Op. Cit.*, pp. 273-274. MELLO, José Antônio Gonsalves de. *João Fernandes Vieira*, p. 278. Vale mencionar a observação feita por Varnhagen a respeito do comportamento da tropa antes da marcha, a qual, segundo ele, estava “bisonha e pouco satisfeita”. Ainda citando uma carta de Von Schkoppe aos Estado Gerais, de maio de 1648, ele enfatiza que os soldados não tinham se portado bem na peleja ocorrida em Guararapes. VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Op. Cit.*, pp. 236, 242.

³⁶ HOBOKEN, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, pp. 88-90; MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. *Op. Cit.*, pp. 247-248; Os relatos de Von Schoppe e Van den Brande podem ser encontrados parcialmente no livro *O Brasil Holandês*, publicado por Evaldo Cabral de Mello, e integralmente no livro de Antônio de Souza Júnior. MELLO, Evaldo Cabral de (Org.). *Op. Cit.*, pp. 441-446; SOUZA JÚNIOR, Antônio. *Op. Cit.*, pp. 195-199; Para o número de mortos e feridos ver uma lista de 19 de abril de 1648: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.20, doc. 3, 19-04-1648. Os números foram reajustados posteriormente e tenderam a aumentar com o falecimento dos feridos. Também não é possível afirmar que o saldo restante – retirados os 556 feridos e os 501 mortos do total de 1.500 – corresponda ao número de desertores. Há de se considerar os homens feitos prisioneiros, os que se perderam no retorno e os desaparecidos.

³⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 72, DN 21-04-1648. Van Hoboken fala que o destacamento da WIC enviado a Olinda era de 350 homens. Talvez incluisse os reforços a serem enviados mencionados nessa ata do dia 21. HOBOKEN, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, pp. 91-92.

³⁸ O capitão Hans Vogel foi aprisionado e dois tenentes foram mortos, ficando o reduto novamente em poder dos luso-brasileiros. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 72, DN 22-04-1648. Ver também: HAECX, Hendrik. Diário, 1645-1654. Tradução de Frei Agostinho Keijzers. O.C. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Volume 69, 1950, p. 135; JESUS, Raphael de. *Op. Cit.*, pp. 515-517; SANTIAGO, Diogo Lopes. *Op. Cit.*, pp. 517-521.

³⁹ Segundo Van Hoboken, os homens começaram a gritar após passarem pela porta da cidade: “Dinheiro, dinheiro, e até que nós o tenhamos, a coisa deve ser assim”. HOBOKEN, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, p. 92. Ver também: MELLO, José Antônio Gonsalves de. *João Fernandes Vieira*, p. 280.

⁴⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 72, DN 23-04-1648. Para Witte de With, temido por manter ferrenha disciplina entre os seus comandados, uma reação violenta do governo era inadmissível e só iria restabelecer a injustiça. Ele mostrou-se favorável a que os homens fossem providos de dinheiro, vinho e que “uma esponja” fosse passada no episódio por meio da emissão de um perdão geral. HOBOKEN, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, p. 92.

⁴¹ A falta de meios para conduzir a guerra contra a Companhia foi tema corrente na documentação dos líderes do exército insurrecto. Faltavam provisões e muitos soldados começaram a se amotinar. Em março de 1646, o Arraial

Novo, base dos rebeldes, passou por um momento crítico. Por pouco não houve um levante geral ou deserção maciça. Fortes chuvas prejudicaram o abastecimento dos rebeldes no primeiro semestre e no segundo, a falta de suprimento já havia acarretado confrontos entre os soldados oriundos da Bahia e os moradores. A situação não melhoraria para os insurrectos posteriormente. MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 302-303, 307, 309; Ver também: Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Administração Central de Lisboa (ACL), Conselho Ultramarino (CU), Capitania de Pernambuco 015, Caixa 5, doc. 364, 28/10/1647; AHU_ACL_CU, Capitania de Pernambuco 015, Caixa. 5, doc. 368, 31/01/1648.